

## **“ARTES DO POSSÍVEL”: A POESIA FEMINISTA E TRANSFORMADORA DE ADRIENNE RICH**

Ariane Ávila Neto de Farias  
Mariane Pereira Rocha  
Ânderson Martins Pereira

Submetido em 25 de maio de 2018.

Aceito para publicação em 14 de novembro de 2018.

*Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 57, novembro de 2018. p. 180- 193

---

### **POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL**

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
  - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
  - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
  - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
- 

### **POLÍTICA DE ACESSO LIVRE**

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Quinta-feira, 22 de novembro de 2018.

## “ARTES DO POSSÍVEL”: A POESIA FEMINISTA E TRANSFORMADORA DE ADRIENNE RICH

## “ARTS OF THE POSSIBLE”: THE FEMINIST AND TRANSFORMING POETRY OF ADRIENNE RICH

Ariane Ávila Neto de Farias\*

Mariane Pereira Rocha\*\*

Ânderson Martins Pereira\*\*\*

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva refletir acerca da poesia de Adrienne Rich, através da qual é possível perceber que a poesia é uma forma de ensinar, bem como instrumento de quebra de diversos paradigmas. Tendo o trabalho poético tamanha força para mudança da realidade sociocultural pelas mãos de mulheres, segundo a escritora, essa seria dispositivo para uma representação crítica dos longos anos de submissão do feminino. Serão analisados os poemas “An unsaid word” (1951) e “The trees” (1963) para mostrar que a poesia de Rich apresenta um feminino que transgride àqueles espaços e papéis que lhes foram reservados e, que se apresenta, a partir de suas mais variadas experiências, como um indivíduo em constante construção; um sujeito de múltiplas facetas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia. Adrienne Rich. Feminismo. Mulheres.

**ABSTRACT:** The present paper aims to reflect the poetry of Adrienne Rich in which is possible to understand that poetry is a way of teaching, as well as an instrument of breaking paradigms. Thus, her poetic work by having such a force to change socio-cultural reality in the hands of women, according to the writer, would be a mean for a critical representation of long years of submission of the feminine. “An unsaid word” (1951) and “The trees” (1963) are the poems analyzed in order to show that Rich’s poetry presents a feminine who transgresses, little by little, spaces and roles that were reserved and that present itself, from their most varied experiences, with an individual in constant construction; a multi-faceted subject.

**KEYWORDS:** Poetry. Adrienne Rich. Feminism. Women.

O teórico Octavio Paz em *O arco e a lira* (2014) defende que “a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior” (PAZ, 2014, p. 21). O autor ainda completa suas ideias sobre a poesia salientando que ela “se dá como condensação do acaso ou é uma cristalização de poderes e circunstâncias alheios à vontade criadora do poeta” (PAZ, 2014, p. 22). Ao

---

\* Doutoranda em Letras com ênfase em História da literatura, pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG). E-mail: arianenetof@gmail.com

\*\* Mestranda em Letras com ênfase em Literatura comparada, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: marianep.rocha@gmail.com

\*\*\* Doutorando em Letras com ênfase em Estudos literários, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: andersonmartinsp@gmail.com

sugerir que a poesia é instrumento único que as línguas e nações criam em seus variados momentos e gênios, esta seria, para Paz, consequentemente, o estado mais alto de tomada de consciência do sujeito, encorajando-o a pensar por si mesmo, a levar a suas palavras, sua linguagem – considerada como instrumento máximo pelo autor - ao maior nível de sensibilidade. Assumia-se como verdadeira, ao se abordar a poesia, a máxima de que os poetas eram inspirados por forças transcendentais ao falarem de um lugar privilegiado.

Ao encontro da ideia de Paz, a poeta estadunidense, Adrienne Rich, afirma que “os poemas são veículos para imortalidade”<sup>60</sup> (RICH, 2001, p. 41, tradução nossa), pondo o poeta, sua matéria em liberdade. A escritora reconhece que um poema é mais que música e imagem, um meio de revelação, informação, uma maneira de ensinar. Dessa maneira, a poesia seria assim, um grande meio para a transformação de realidades.

Entretanto, por um longo período, a palavra poética, percebida também como resultado do discurso<sup>61</sup> vigente nas sociedades, foi de posse de vozes masculinas. Mesmo tendo a poesia sido reconhecida por sua profunda sentimentalidade, característica sempre correlacionada ao feminino, a história da literatura nos mostra que o poder poético era pouco acessado pelas mulheres. Rita Schmidt (2017), em seu texto “Mulher e Literatura”, afirma que a literatura é pensada a partir de um contexto social, correspondendo, assim, “a certas necessidades de representação do mundo, que são articuladas e atreladas aos rituais e símbolos da prática social, ou aos conceitos vigentes sobre o objeto, o dado referencial” (SCHMIDT, 2017, p. 40). Ao encontro do afirmado por Schmidt (2017), pode-se reconhecer que, em uma sociedade baseada em uma visão cristã atrelada a doutrinas tradicionais, os papéis sociais para o feminino e o masculino são muito bem demarcados. Nesse sentido, sendo a linguagem permeada por limites patriarcais, a escrita é ainda atividade do masculino. Logo, o cânone poético, assim como o cânone literário em sua totalidade, é formado basicamente por homens. O passado nos mostra que talentosas poetisas mulheres ganhavam menor destaque quando comparadas aos poetas homens: burlando as normas, muitas mulheres assumiam nomes

---

<sup>60</sup> No original: “Poems are as vehicle for immortality.”

<sup>61</sup> Compreendemos o conceito de discurso aqui a partir das ideias de Foucault, que o percebe como uma construção histórica através de mecanismos sociais, sobretudo, atrelado às relações de poder que permeiam o social. Para o teórico, “em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade ” (FOUCAULT, 2014, p. 10)

masculinos para publicarem seus poemas. Assim, no século XIX e início do século XX, foram poucas que, corajosas, motivaram-se ao uso da linguagem poética, rebelando-se contra o discurso de uma sociedade na qual a voz feminina era silenciada. Emily Dickinson (1830-1886), Judith Teixeira (1880-1959), Florbela Espanca (1894-1930), hoje reconhecidas por seu talento, são exemplos de mulheres que em épocas de completo silenciamento, desafiaram os homens e colocaram em palavras as angústias do sujeito feminino bem como o complexo processo envolvido na construção de sua subjetividade.

O passar do tempo traz um número maior de mulheres que percebe na literatura uma forma de expressão, enxergando na linguagem poética maneira de mostrar sua voz de multiplicidade. A poesia vai ocupando, então, um espaço importante no reconhecimento dos lugares que cercam o feminino, tornando-se aliada de uma necessidade crescente de reconhecimento deste sujeito, que em movimento contínuo, (re)pensa sua existência. Nesse sentido, o fazer poético é atividade libertadora; é a voz e ação ativas diante de situações que, até então, a mantinham refém e silenciada.

Pelo exposto, o presente trabalho visa refletir sobre a força transformadora da poesia da norte-americana, Adrienne Rich, e a importância desta escrita para os/nos movimentos de emancipação feminina. Para tanto, serão aqui analisados os poemas, “*An unsaid word*” (1951) e “*The trees*” (1963). É interessante salientar que esse estudo percebe o fazer poético como um relevante meio para a representação do mundo e, principalmente, para a representação, consequente da transformação das diferentes situações vividas pelos sujeitos femininos. Compreende-se a força transformadora da linguagem que há tempos é meio para a dominação das mulheres, mas que, tornando-se instrumento nas mãos de sujeitos dominados, ganha nova roupagem e significado.

Adrienne Rich (1929-2011) foi uma importante poeta, crítica literária e ativista estadunidense. Rich também ocupou significativo espaço entre os intelectuais críticos do governo dos Estados Unidos. Sua formação como leitora se dá basicamente a partir da influência do pai de origem judaica, grande admirador da poesia de escritores socialmente importantes como o poeta Yeats. É a partir dessa experiência de leituras que a poeta afirmava que um tema recorrente na poesia a que ela tinha acesso era o da indestrutibilidade poética. Ela acreditava que um poema se tornava, mais que a música e a imagem, um meio de revelação, informação, uma maneira de ensinar. Como salientado por ela, “eu acredito que eu poderia aprender por meio da poesia” (RICH, 2001, p. 43).

É nesse sentido que, assume a poeta, poesia e poder andam juntos. Segundo ela, essa foi a compreensão importante em sua vida. Dessa forma, por ter certeza do poder que emerge da arte poética é que ela entende a importância de escrever sobre temas sociais e políticos, fazendo da poesia um instrumento de mudança social. É através de seus versos poéticos que Rich vai defender que “‘o jeito que as coisas são’ pode ser uma construção social; proveitosa para algumas pessoas e prejudicial para outras, e assim, tal construção pode ser criticada e mudada”<sup>62</sup> (RICH, 2001, p. 42, tradução nossa). Rich assume ainda que, “sentia mais e mais urgente a dinâmica entre poesia como linguagem e como um modo de ação, ficando cada vez mais profundo, queimando, despindo-se, colocando-se em um diálogo com outros do lado de fora além de meu eu interior”<sup>63</sup> (RICH, 2001, p. 55, tradução nossa).

Como parte de algo ainda maior, Rich percebe seu trabalho como de extrema importância para a representação do mundo e, principalmente, para a representação das situações vividas pelos sujeitos femininos. Por escrever em uma época permeada por problemas políticos (1950-2010), mas repleta de esperança e ativismo, a estadunidense vê em sua arte uma possibilidade de ruptura com os estereótipos de femininos. A escrita é usada por ela como uma maneira de expor-se sem as amarras dos padrões patriarcais, redefinindo, pelo seu eu lírico, a mulher, que há longo tempo vem sendo construída pelo olhar masculino. Em sua poesia, estratégias textuais usadas para o apagamento do feminino no passado são substituídas por outras de empoderamento feminino. A voz do eu lírico da poeta estadunidense, uma voz feminina, passa a entender as possibilidades de questionamentos de relações de poder pré-estabelecidas, vê a possibilidade de ruptura da estabilidade determinada por uma cultura falocêntrica ocidental e compreende as diferentes possibilidades da construção de si mesmo como sujeito, uma construção sobre novos pilares.

É por ser oferecido aos sujeitos femininos modelos éticos de esposa e mãe abnegadas, mulheres subservientes que Rich reconhecia que as

[...] mulheres devem entender que nós precisamos uma arte toda nossa: que nos lembre de nossa história e o que poderíamos ser; para mostrar nossas verdadeiras facetas- todas elas; incluindo a inaceitável; para falar sobre o que foi colocado em

<sup>62</sup> No original: “‘the way things are’ could actually be a social construct, advantageous to some people and detrimental to others, and that these construct could be criticized and changed”.

<sup>63</sup> No original: “I felt more and more urgently the dynamics between poetry and language and poetry as a kind of action, probing, burning, stripping, placing itself in a dialogue with other out beyond the individual self.”

código ou silenciado; para concretizar os valores que nosso movimento estava trazendo à tona (RICH, 2001, p. 56).

Rich, compreendendo a importância do feminismo, ao analisar suas experiências e observações chega a duas conclusões sobre a realidade social do sujeito feminino. A primeira delas é a de que o feminismo – que a princípio ela vai chamar de feminismo radical – deve transformar as bases patriarcais para que a realidade de todas as pessoas, sem exceções, seja de alguma forma transformada, e a segunda é de as mulheres precisam participar de maneira efetiva nessas transformações. Para Rich, a participação da mulher é necessária para que tais modificações sejam concretizadas, mas também para que a figura feminina compreenda que sua subjetividade está além dos lugares que lhes são reservados pelo patriarcado. Dessa forma, ao participar nas mudanças sociais, a mulher se enxergaria multifacetada.

A poeta deixa claro em seu trabalho que estabelece uma ligação direta entre o artístico e o político, abordando em seus textos muitas questões que incomodam os seres humanos, na tentativa de colocar em destaque diversas formas de opressão nas relações sociais. Uma delas é a opressão perante a sexualidade feminina, que há muito é vista apenas como objeto masculino. Para isso, a autora estadunidense faz em sua escrita, um retorno ao passado; tal atitude, de acordo com a mesma, priorizaria um discurso mais reativo, questionador.

Além disso, Rich busca fazer de seus poemas um importante instrumento de análise social, um trabalho responsável. É neste caminho que ela afirma que mesmo a simples escolha de metáforas para seus poemas tem uma responsabilidade política, tudo que está em sua escrita têm um objetivo político. É interessante apontar que, seus poemas passam a ser datados, a partir de 1960, com o objetivo de mostrar as grandes mudanças políticas e sociais no mundo; seus poemas tomam o lugar de um testemunho.

Ao encontro das ideias de Alfredo Bosi em seu ensaio “Poesia e resistência” (2000), Rich parece traçar, através de sua escrita, o caminho para a construção poética que “acende o desejo de uma existência, mais livre e mais bela” (BOSI, 2000, p. 192), aproximando o sujeito, e aqui pensamos no feminino, do objeto, assim como, de si mesmo. A poesia de Rich, ao encontro da poesia resistência idealizada por Bosi, assume um status de supressor do “intervalo que isola os seres” (BOSI, 2000, p. 192).

No mesmo sentido, Charles Altieri no artigo *Self-reflection as action: The recent work of Adrienne Rich* (1993), afirma que a poesia da poeta estadunidense “desenvolve um discurso lírico forte o suficiente para absorver e transformar as qualidades passivas

de um estilo de vida em figuras para poética que reconstruirá a mente e formas de um eu comprometido com a identidade política”<sup>64</sup> (ALTIERI, 1993, p. 343, tradução nossa). Para ele, o resultado deste equilíbrio entre a vida do poeta e a sociedade é o projeto de uma poesia, “é uma força da vida social, uma força que exemplifica a capacidade da mulher em integrar subjetividade, comunidade, memória e potencial, autorreflexão e discurso possível”<sup>65</sup> (ALTIERI, 1993, p. 343, tradução nossa).

O poema “*An unsaid word*”, publicado em 1951, na coletânea *A change of world*, demonstra o até então afirmado. O mencionado trabalho marca o início da carreira na escrita de Rich, portanto, nota-se que o poema vai ser publicado em uma época em que a escrita da poeta norte-americana sofre forte influência de poetas do sexo masculino e das marcas deixadas pela sua vida privada – Adrienne Rich é ainda uma mulher em um casamento heterossexual e que ocupa a maior parte de seu tempo com as atividades domésticas e maternas, porém, já carregando uma tímida perspectiva de um feminino que compreende que sua subjetividade é influenciada e construída por suas experiências é que se pode pensar a construção do mencionado poema de Rich e na grande força nos sete versos de “*An unsaid word*”:

She who has power to call her man  
From that estranged intensity  
Where his mind forages alone,  
Yet keeps her peace and leaves him free,  
And when his thoughts to her return  
Stands where he left her, still his own,  
Knows this the hardest thing to learn (RICH, 1951)<sup>66</sup>.

O eu lírico de tal poema elabora e manipula suas palavras de maneira que essas vão ao encontro das normas e padrões de um discurso patriarcal. Entretanto, nas poucas linhas do poema, é possível entrever a abertura para uma batalha entre as vozes dos sujeitos dominantes, o masculino, e dos sujeitos dominados, as mulheres.

Na voz desse sujeito pressentimos um total sentido de não pertencimento, entretanto, há uma tentativa de encaixe em um mundo de regras masculinas. O eu lírico sucumbe às normas da relação simbólica de Lacan (1998) em relação ao falo, e, dessa maneira, sua voz e emoções vão sendo enterradas com o objetivo de sua total aceitação

<sup>64</sup> No original: she develops a strong lyric discourse that absorbs and transforms the passive qualities of a way of life in poetic images, rebuilding mind and self shapes committed with political identity

<sup>65</sup> No original: it is a social life force, a force that exemplifies woman capacity of harmonizing subjectivity, community, memory and potential, self-reflection and possible discourse.

<sup>66</sup> Tendo em vista as particularidades envolvidas na tradução de poesia, optamos por trabalhar com a língua original dos poemas aqui analisados.

em um mundo dos homens. “*An unsaid word*” nos traz um eu, marcado pelos padrões de uma sociedade de bases masculinas, que ainda reluta em assumir uma voz feminina ativa, evitando o contato com os seus eus internos mais profundos. À vista disso, a linguagem parece ser o centro de tal discussão. Sobre o supracitado poema, a pesquisadora Claire Keyes assume que “a linguagem simbólica é o meio em que o poder masculino circula, pois essa fornece os símbolos e conexões pelas quais o mundo é interpretado” (KEYES, 1986, p. 140, tradução nossa).

O tímido feminino do poema, assim como o que acontece com muitas mulheres que vivem à sombra do homem, não tem nome, carrega o nome e o sobrenome do masculino. Ele está trancafiado em sua casa, definido pelos papéis sociais como o de “anjo do lar”. Em sua posição, ele deve seguir e esperar os passos de seu marido. Destarte, o eu lírico expõe o fato de que as emoções femininas incapacitam as mulheres de acompanhar a figura masculina. Elas são, assim, associadas à natureza, demonstrando sua total insuficiência para o pensamento lógico exclusivo dos homens. Na assimilação de uma fala hegemônica, a mulher mobiliza-se para atender todas as expectativas em torno dela. Nessas condições, a figura do homem no poema deixa o feminino para trás, sozinho, pensando nas distâncias – estranged (v. 02) – entre seus mundos – “She who has power to call her man/ From that estranged intensity/ Where his mind forages alone” (RICH, 1951, v. 01-03).

O eu lírico nos mostra que, por esperarem pelas ações de seus homens sem iniciativa de acompanhá-los, demonstrando dependência emocional, as mulheres foram criticadas. Tal entendimento é ainda maior a partir do momento em que percebemos que o feminino espera sem ao menos questionar os rótulos que lhe são dados, aguarda sem grandes retornos desse masculino, e “ainda [assim] sendo dele” – “still his own” (v. 06). Seu principal problema reside na crença no discurso masculino como o mais apropriado para condução de suas vidas. Sobre o afirmado anteriormente, o estudioso James Scott afirma em *Domination and the arts of resistance* que “o dominante [...] tem o interesse vital na manutenção das aparências apropriadas às suas formas de dominação. Os dominados, por sua parte, apresentam boas razões para a sustentação dessas aparências” (SCOTT, 1990, p. 245). Ao não fugir dos estereótipos reservados ao feminino, ao ser abandonada, ela se perde; ela não sabe estar sozinha, pois sempre foi descrita pela incapacidade de ser independente.

O que o sujeito de “*An unsaid word*” tem como resultado de seu discurso é a completa falta de meios apropriados para sentir-se empoderada, dona de seu próprio



corpo e espaço; e habilitada para encontrar os seus diversos eus. Assim, mesmo que se perceba o começo de um questionamento de paradigmas, o eu lírico está ainda no mesmo lugar em que foi deixado, sem perspectiva de quebra das amarras de uma sociedade construída a partir do poder masculino; uma força que como demonstrado por Pierre Bordieu “dispensa justificação [...] e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (2014, p. 18) e que destina, sem questionamento, o espaço privado ao feminino - “Yet keeps her peace and leaves him free/ And when his thoughts to her return/ Stands where he left her, still his own,/ Knows this the hardest thing to learn” (RICH, 1952, v. 04-97).

É pelo controle do ato de autonegação que esse feminino é capaz de comunicar-se com os velhos hábitos do patriarcado, representando seus sentimentos mais essenciais (a delicadeza, a dependência, a insegurança etc.) em um mundo dos homens. Embora nos sete versos do poema tenhamos acesso a um eu lírico que tenta ao máximo não demonstrar sua fraqueza, podemos observar que ela não se preocupa consigo mesma, mas com o outro masculino e, é dessa maneira, que o deixa livre ao mesmo tempo em que é aprisionada, resignando-se à espera.

A denúncia de Rich reafirmam o fato de a educação feminina ter como foco a submissão. Nesse sentido, remetemo-nos as palavras de Bordieu (2014), ao pontuar que “as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, as relações de poder em que se veem envolvidas esquemas de pensamentos que são produtos da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica” (p. 45). O eu de “*An unsaid word*”, mesmo que logo no início descreva-se como um detentor de poder, mostra-se, até então, subjugado, sendo propriedade do homem. É ao chegarmos ao final das rimas e versos de Rich, que vemos que aquele poder apresentado pela mulher é utilizado de maneira errada e negativa, um poder ainda restrito ao chamado do homem.

Os sentimentos à flor da pele do eu lírico trazido por Rich também nos são apresentados no poema “*The trees*”, publicado na coletânea *Snapshot of a daughter-in-law*, de 1963. No referido poema, mais uma vez percebemos o poder de transformação que a poeta dá as suas linhas. “*The trees*” parece nascer além de uma crítica de gênero, de uma crítica aqueles que não acreditam no poder da poesia, que vinculam a essa única e exclusivamente a função de falar de belas paisagens sem o papel transformador. A condição destes versos vai representar muito mais do que uma simples fala da natureza por ela mesma, mas sim, um discurso de empoderamento do feminino e de seu corpo.

Por conseguinte, em “*The trees*”, a beleza da natureza e da poesia se encontram para falar de política, para dar voz a um feminino. “*The trees*” é um poema de linguagem ainda mais seca e distante dos sentimentos femininos aguardados socialmente. Temos um poema em nada romantizado, que expõe a necessidade de se falar sobre as emoções do feminino. Deparamo-nos com uma voz completamente engajada e, ao mesmo tempo, sensível, que em nada se mostra satisfeita com as convenções sociais. Assim, é pela natureza e todo o seu poder feminino, que nos é apresentada nos versos que Rich, através da voz do eu lírico, a necessidade de fuga de um espaço de confinamento, um confinamento também imposto pela linguagem – *the greenhouse* – pelo feminino, representada pelas árvores “apertadas debaixo de um teto” – “The trees inside are moving out into the forest. [...] long-cramped [...] under the roof” (RICH, 1963, v. 01;13).

Ao articular as diversas vozes, internas e externas, que o constituem, ofuscando os limites entre essas, o eu lírico testemunha as mudanças de um feminino. Mesmo que participe de maneira distante dos movimentos que acontecem na floresta, ele precisa contar que de alguma forma essa natureza está rompendo com suas fronteiras, dando sinais de que essa voz feminina também quer libertar-se. Novas árvores estarão presas à floresta – o masculino – pela manhã, entretanto, este masculino não traz mais certezas, ele está vazio – “the forest that was empty all these days/ where no bird could sit/ no insect hide/ no sun bury its feet in shadow/ the forest that was empty all these nights” (RICH, 1963, v. 02-06).

Ao longo das quatro estrofes do poema visualizamos uma intensa crítica a uma sociedade na qual o feminino não pode tomar partido de assuntos públicos. Rich coloca em xeque os valores e papéis do feminino, calcados, até então, basicamente por sua capacidade reprodutiva. À vista disso, é através das portas abertas que a noite se transforma na lua e o céu mostra-se completamente disponível para que esse eu lírico aprisionado, pela imagem das árvores conte a sua história. A voz do passado é também ouvida, e pela mesma porta em que seu presente entra, o primeiro, representado pelo cheiro das folhas, se apresenta, levando embora os suspiros de rebeldia que lhe chegam aos ouvidos ao observar as destemidas árvores, dos novos tempos que trouxeram os movimentos das mulheres.

I sit inside, doors open to the veranda  
writing long letters

in which I scarcely mention the departure  
of the forest from the house.  
The night is fresh, the whole moon shines  
in a sky still open  
the smell of leaves and lichen  
still reaches like a voice into the rooms.  
My head is full of whispers  
which tomorrow will be silent. (RICH, 1963, v. 17-26)

A estrofe acima comprova que o eu lírico nos mostra a grande força que a natureza ganha ao ser utilizada para falar de problemas públicos da desigualdade de gênero. O seu movimento bem como as luzes que brilham, o vento corre e a lua despedaça-se representam as batalhas diárias travadas por um feminino que quer ser ouvido e que deseja a liberdade. O trabalho da poeta estadunidense caminha em direção contrária àquela visão tradicional do sujeito feminino, colocando esse em um espaço além do privado. O feminino é a mãe natureza, ele nos circunda com todo o seu poder grandioso.

Aos poucos, a dita histeria feminina dá lugar a uma mulher questionadora, capaz de falar das atrocidades que acontecem no mundo e que entende a política em termos históricos e revolucionários. O seu falar sobre a natureza não é mais superficial, se é que algum dia foi. Com os vidros quebrando-se e convenções vencidas – “The glass is breaking” (RICH, 1963, v. 27) – essa mulher, compreendendo o seu lugar social, entende que o pessoal também é político.

A cada nova linha enxergamos um eu lírico empenhado na descrição de um processo que acredita ser relevante para sua chegada a um forte senso identitário; um caminho de regeneração total e importante para o reconhecimento de sua fragmentação, sua pluralidade diante de um espaço de diferentes experiências. Assim, em um movimento de revisão da história de dominação masculina e total subjugação do feminino, Rich, através de seu eu lírico, questiona mitos consagrados que envolvem a figura da mulher, sugerindo a multiplicidade desta figura distanciando-a ainda mais do dualismo – anjo-do-lar e demônio – designado a tais sujeitos.

O presente trabalho teve como objetivo principal refletir acerca do caráter transformador da poesia da estadunidense, Adrienne Rich. Através de seus versos, a poeta demonstra a multiplicidade do sujeito feminino, desatrelando-o daquela figura pensada a partir da figura masculina. É a confiança na força das palavras que levam Rich a construir uma poesia circundada pela pluralidade da subjetividade da mulher. Ela

nos apresenta diferentes e versáteis mulheres, que acreditam em um espaço em que suas vozes não serão mais silenciadas.

Por acreditarmos que a atividade literária bem como sua interpretação apresenta fundamentais relações tanto com a política quanto com o poder e os diversos valores sociais, a reflexão proposta no presente trabalho baseou-se na ideia de que com a crescente discussão sobre as configurações do feminino e o processo de construção da sua subjetividade promove-se, não só uma nova percepção de mundo, mas uma mudança no quadro de referências e critérios, na avaliação de fenômenos sociais.

A partir da análise apresentada, afirmamos que a análise da situação feminina no trabalho poético de Rich, bem como sua crença no poder da poesia, provém de uma reflexão sobre a organização da identidade (subjetividade) ao apresentar-nos um feminino construído através de suas diversas experiências e em um espaço de luta. Não são apenas propostos novos paradigmas para a valorização da experiência da mulher, mas ainda, uma desconstrução da assimetria masculino/feminino, trazendo à tona novos questionamentos da construção desta identidade. Pensar a respeito de sujeitos subjugados e que estão à margem traz a possibilidade de se refletir e aprofundar as discussões que se opõem ao olhar hegemônico que se faz, na atualidade, ainda vigente.

Nesta perspectiva, está inserida uma experiência feminina que habilita a emergência de um “eu” multifacetado que surge na produção literária, na qual as discussões sobre os problemas referentes à representação da mulher incluem a ética, história e, ainda, questões sociais, exemplos presentes nos poemas de Adrienne Rich. O eu lírico de Rich, mesmo na poesia em que encontra mulheres sufocadas pelo machismo do dia-a-dia, não demonstra medos ou receios na denúncia das desigualdades que assolam nossa sociedade.

Dessa forma, “*The trees*” (1963) e “*An unsaid word*” (1951) demonstram que, através da História, o sujeito mulher que se definiu pela oposição ao homem; ele é o “Outro” em relação ao masculino, o, então, legítimo detentor do espaço público. Entretanto, ambos os poemas demonstram também a força feminina para a (re)construção de sua história, um recontar pelas linhas do protagonismo de sua própria história.

Assim, entendemos que estudo sobre a poesia de Rich é um valioso instrumento para reflexão do papel feminino na sociedade, levando-nos a entender a multiplicidade desse sujeito, seus diferentes papéis. Rich, pela voz de seu eu lírico, caminha em direção à quebra de pilares que relegam a mulher posições secundárias em

nossa sociedade. A autora mostra-nos a necessidade de novos olhares e possibilidades ao pensarmos sobre o feminino.

É por acreditar na importância do estudo sobre o feminino e suas múltiplas faces, contribuindo de diversas maneiras para o avanço de determinados pensamentos que assolam nossa sociedade atual, que entendemos a necessidade de diálogos acerca do sujeito feminino e sua sexualidade, olhando para tais temas sem os pudores que nos impedem de quebrar preconceitos que parecem levar os sujeitos para um espaço marcadamente masculino. Os novos tempos pedem um olhar atento que vai além do sujeito masculino, que encontre o feminino e as diferentes formas de expressão de suas emoções e sexualidade(s). Reconhecemos, assim, que a expectativa do presente estudo é a de que tal pesquisa contribua para o aperfeiçoamento da reflexão sobre a subjetividade feminina e a construção de gênero. Pela consciência de elementos-chave na transformação e na reescrita da realidade feminina, o processo visto na análise dos poemas ajudam no delineamento do papel social e a responsabilidade feminina diante de sua sociedade.

## REFERÊNCIAS

- KELLNER, Douglas M. *Critical theory and society*. New York: Routledge, 1989.
- ALTERI, Charles. Self-reflection as Action: the recent work of Adrienne Rich. In: GELPI, Alberti; GELPI, Barbara Charlesworth. (Org.). *Adrienne Rich's poetry and prose: poems, prose, reviews and criticism*. New York: W.W. Norton & Company, p. 342-357, 1993.
- BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- KEYES, Claire. *The aesthetics of power: the poetry of Adrienne Rich*. Georgia: The University of Georgia Press, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- LACAN, Jacques. A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 692-703, 1998.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*; tradução Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- RICH, Adriene Cecile. *A change of world*. New York: W.W. Norton & Company, 1951.

\_\_\_\_\_, Adrienne Cecile. *Snapshots of a daughter-in-law*. New York: W.W. Norton & Company, 1963.

\_\_\_\_\_, Adrienne Cecile. *Arts of the possible*. New York: W.W. Norton & Company, 2001.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramentos/convergências: ensaio de crítica feminista*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

SCOTT, James. *Domination and the arts of resistance: hidden transcripts*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1990.